

O Muro como Janela: Descolonização da Paisagem e Produção de Presença no Design Participativo ¹

Graciela Johnsson Campos Jokowiski
Centro Universitário Autônomo do Brasil (UniBrasil)²
Anna Lucia da Silva Araújo Vörös
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)³

RESUMO

O projeto de extensão "Coletivo Murais" integrou estudantes de Design (UTFPR) e de Publicidade (UniBrasil) à comunidade da Escola Magê Molê (Curitiba/PR). O objetivo foi promover a co-criação de um mural artístico, investigando o muro como janela analógica e "**máquina semiótica**" (MACHADO, 1993, p.35). Pautada no design participativo e centrado no humano (BROWN, 2013), a metodologia promoveu o diálogo entre universidade e comunidade por meio da praxis da escuta ativa. Os resultados evidenciam o dispositivo muralístico como acento visual capaz de requalificar o cotidiano pela apropriação simbólica e pela sustentabilidade da atenção em tempos de aceleração. **PALAVRAS-CHAVE:** Mediações comunicacionais; Produção de presença; Paisagem urbana; Design participativo; Muralismo.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA AÇÃO EXTENSIONISTA

Há algo de paradoxal na arquitetura de uma escola voltada para a infância: o mesmo muro que protege pode isolar. Na Escola Magê Molê, situada no bairro São Francisco em Curitiba, o muro de alvenaria que circundava o jardim de 1.200 m² apresentava-se invisível e neutro, aguardando por uma sua identidade visual. Foi diante dessa superfície inerte que o projeto Coletivo Murais formulou sua pergunta central: o que acontece quando um limite arquitetônico é convertido em interface comunicacional?

Marilena Chauí (1988, p. 19), ao refletir sobre o ato de olhar, descreve-o não como mero registro ótico, mas como "janela da alma e espelho do mundo", formulação que orientou a compreensão do suporte não como demarcação de propriedade, mas como espaço de mediação. O *ethos* pedagógico da Escola Magê Molê, estruturado sob a pedagogia Waldorf de Rudolf Steiner, impunha uma restrição produtiva: o currículo rejeita estímulos midiáticos saturados e valoriza o ritmo orgânico das estações. Para crianças no primeiro setênio, período em que o aprendizado ocorre primordialmente pela

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2026.

² Mestre em Tecnologia e Sociedade pelo PPGTE - UTFPR, Professora do Curso de Publicidade da UniBrasil, e-mail: gracielajokowiski@unibrasil.com.br

³ Doutora em Design pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Professora do Curso de Design da UTFPR, e-mail: annavoros@utfpr.edu.br

imitação, uma imagem que sequestra a atenção é o oposto de uma imagem que a sustenta. A ação extensionista assumiu essa restrição semiótica como ponto de partida, buscando transmutar a superfície rígida em janela analógica por meio de cores suaves, formas orgânicas, presença que convida à pausa antes de convocar o consumo visual.

VINCULAÇÃO COM ENSINO E PESQUISA

O Coletivo Murais recusou a separação entre serviço social e produção de conhecimento, configurando-se como laboratório vivo onde ensino, pesquisa e extensão se articulam de modo indissociável. A atividade vincula-se aos componentes curriculares do curso de Publicidade e Propaganda (UniBrasil) e Bacharelado em Design (UTFPR), para os estudantes, a experiência exigiu a gestão de um projeto real com múltiplos *stakeholders* e restrições semióticas que nenhuma ementa havia antecipado.

No âmbito da pesquisa, a intervenção funciona como prova de conceito para validação de métodos de criação colaborativa em contextos de restrição estética intencional. O muro foi investigado sob a ótica de Arlindo Machado (2008) como dispositivo capaz de sofrer mutação ontológica ao ser apropriado pela arte. Conforme o autor:

Existem portanto diferentes maneiras de se lidar com as máquinas semióticas cada vez mais disponíveis no mercado eletrônico. A perspectiva artística é certamente a mais desviante de todas, uma vez que ela se afasta com tal intensidade do projeto originalmente imprimindo às máquinas e programas que equivale a uma completa reinvenção do artefato. (MACHADO, 2008, p. 13)

A vinculação científica aprofunda-se ao transpor a tese das Janelas Digitais, investigada pela primeira autora em pesquisa de mestrado sobre David Hockney (JOKOWISKI, 2017), para o suporte analógico do muro. Os alunos foram instigados a submeter as técnicas do *Design* à sensibilidade Waldorf, onde a imagem não deve **sequestrar a atenção**, mas sustentar a presença do sujeito actante. O ensino, nesse arranjo, reinventa-se pelo conflito, não apesar dele.



OBJETIVOS E PÚBLICO ENVOLVIDO

O objetivo geral residiu na constituição de uma matriz dialógica de identidade visual para a Escola Magê Molê, fundamentada na descolonização da paisagem cultural urbana. Buscou-se transmutar a alvenaria inerte em interface capaz de gerar **produção de presença** (GUMBRECHT, 2010): mediar o conflito semiótico entre liberdade criativa e rigor pedagógico; implementar a praxis da escuta via a metodologia do Jogo Oásis; e promover a apropriação simbólica do suporte por meio de pigmentos naturais.

O público envolvido opera como rede de actantes em constante interação. Dez estudantes, de Publicidade (UniBrasil) e de Design (UTFPR) - atuaram como gestores e tradutores das necessidades da comunidade. Doze crianças entre três e seis anos foram sujeitos actantes: participaram da oficina sensorial de tinta de terra e, por imitação espontânea, resignificaram o muro como território de pertencimento. A coordenadora pedagógica e o administrador da escola, junto com as professoras do coletivo, operaram como curadores da identidade institucional, definindo os limites dentro dos quais a criação deveria acontecer. E o próprio jardim de 1.200 m² funcionou como actante silencioso: as árvores e suas sombras forneceram a matéria para o design simbiótico inscrito no suporte.

METODOLOGIA E PLANO DE AÇÃO

A metodologia configurou-se como Heurística de Design Centrado no Humano (BROWN, 2013), integrada às etapas do **Jogo Oásis**: Olhar, Afeto, Sonho, Cuidado, Milagre, Celebração e Re-evolução, compreendendo 80 horas de mediação estruturadas em três eixos sobrepostos.

O processo iniciou-se não pela técnica, mas pelo silêncio. As primeiras horas foram dedicadas ao **ouvir**: conversas de portão, aprendizado gradual da ética da forma Waldorf — ausência de contornos definidos, rejeição de personagens comerciais. Conforme Pareyson (1993, p. 59), o fazer artístico é um **formar** onde o artista "no próprio curso da operação inventa o modus operandi", o que se verificou na negociação constante entre o coletivo e a coordenação escolar: a regra não estava dada antes do processo, mas emergiu dentro dele.

A etapa criativa introduziu a estética de base de dados analógica: ilustrações de fauna e flora regional: sabiá, coruja, gralha azul, saci, tatu; circulavam entre os alunos em uma colagem com desenhos coloridos, obtida por meio da criação conjunta entre os

criativos do coletivo e assim perderem a autoria individual, gerando uma matriz semiótica em escala 1:10 para a narrativa das quatro estações, e outras que as crianças podem inventar a partir das imagens lúdicas estampadas no muro.

A implementação dividiu-se em duas frentes que respeitavam a distinção entre o tempo da criança e o tempo da técnica. Em oficina de tinta de terra, as crianças tocaram o material antes de o reconhecerem como tinta. Para o desenho final no muro, além de transpor a criação original em colagem, o processo permitiu a inclusão de outros elementos que intuitivamente vieram completar a obra, tornando-a ainda mais atraente aos olhos dos pequenos. Os universitários e seus professores, utilizaram a sombra projetada pelas árvores para delimitar as áreas dos desenhos das plantas, no muro. Esta e outras iniciativas de interação natural da paisagem no desenho, tornaram o muro como uma ampliação do jardim da Magê e das brincadeiras das crianças. Em apenas um momento do dia, quando o sol derrama a sombra das árvores sobre o desenho, a cor e o desenho ganham uma visualidade especial.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E RESULTADOS OBTIDOS

Em termos quantitativos, o mural de 12 m² integra espécies de aves regionais; árvores frutíferas, flores e plantas inspirada no próprio jardim da escola, animais e insetos: como borboletas, formigas, lagartas, tatu e polvo e um elemento do imaginário lendário: o saci. Dez estudantes universitários, duas coordenadoras, duas universidades, doze crianças participaram diretamente. Os números, contudo, descrevem apenas a superfície do fenômeno.

O mural instaurou o que Gombrich (2012, p. 111) denomina *acento*: representação visual de algo que "se desvia da sua continuidade natural", capaz de retirar o objeto da invisibilidade. O fenômeno mais significativo foi o da **apropriação espacial por imitação**: ao observarem os mediadores pintando, as crianças passaram espontaneamente a usar giz de quadro no muro, ressignificando o suporte como território lúdico e afetivo. Para incentivar a prática, os autores incluíram um espaço para o desenho das crianças, que poderão interagir com a ilustração, sempre que quiserem. O mural deixou de ser objeto para tornar-se acontecimento, confirmando a hipótese de Gumbrecht (2010) de que a *produção de presença* opera não pela representação simbólica, mas pelo convocamento do sujeito ao protagonismo. Esse dispositivo sustenta a atenção precisamente porque

recusa o sequestro cognitivo das estéticas comerciais saturadas: uma máquina semiótica (MACHADO, 1993) que ativa sem saturar, que convida sem dirigir.

IMPACTO SOCIAL, SUSTENTABILIDADE E CONTINUIDADE

O impacto social reside na transmutação de um limite arquitetônico inexpressivo em vetor de educação estética. Daniel Miller (2013, p. 51) observa que os objetos frequentemente ocupam posições humildes, mas são capazes de "determinar nosso comportamento e identidade". O muro, antes neutro e invisível, passou a organizar comportamentos: as crianças desenham nele, as professoras o explicam às famílias, passantes pausam diante dele. A sustentabilidade foi assegurada pela escola, que assumiu a manutenção anual com o estoque de tinta remanescente. O projeto estabeleceu ainda uma **Prova de Conceito** para a expansão do Coletivo Murais em 2026, com oficinas de formação em pigmentos naturais para as professoras, transferindo o saber do processo para dentro da instituição.

CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS ESTUDANTES

A participação discente configurou-se como exercício sênior de **mediação semiótica**: negociar entre sistemas de valor incompatíveis sem apagar nenhum deles. O principal ganho residiu na gestão do *compliance* estético Waldorf, exigindo o abandono temporário da estética de base de dados comercial para investigar uma estética da delicadeza — sistema visual que opera pela contenção e pela atenção sustentada, em oposição à saturação que domina o mercado da comunicação visual.

Os estudantes desenvolveram competências em **Engenharia de Consenso** ao mediar interesses entre coordenadores e familiares, e operaram em Laboratório Vivo onde o erro é incorporado como dado de campo. Ao compreenderem a comunicação como ferramenta de **descolonização da paisagem cultural**, ultrapassaram a técnica para alcançar a dimensão política da prática comunicacional: a escolha de não reproduzir a estética dominante é, em si, um ato de posicionamento no campo simbólico.

REFERÊNCIAS

- BROWN**, Tim. Design Thinking. **Harvard Business Review**, jun. 2008.
CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
GOMBRICH, E. H. **O uso das imagens**: estudos sobre a função social da arte e da comunicação visual. Porto Alegre: Bookman, 2012.



GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.

HOCKNEY, David. **O conhecimento secreto**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

INSTITUTO ELOS. **Jogo Oásis**. 2024. Disponível em: <https://institutoelos.org/jogooasis/>. Acesso em: 19 abr. 2026.

JOKOWISKI, Graciela Johnsson Campos. **As janelas de David Hockney**: os dispositivos móveis no processo de criação artística. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**: o desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo: Edusp, 1993.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: uma breve introdução à cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PAREYSON, Luigi. **Estética**: teoria da formatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

STEINER, Rudolf. **A educação da criança segundo a ciência espiritual**. São Paulo: Antroposófica, 2010.